

**A sombra da sublimação:
O imperialismo da imagem e os destinos pulsionais na
contemporaneidade.¹**

Nelson da Silva Junior²

Resumo:

A primazia da imagem na cultura e na vida cotidiana, constatável por uma virtualização dos bens de consumo e das formas de satisfação pulsionais, teria como conseqüência, segundo nossa hipótese, um aumento inédito na desfusão pulsional inerente à sublimação necessária à todo e qualquer processo de culturalização humana. Tal ruptura nas lógicas que articularam, até há pouco, cultura e vida pulsional convidaria a uma releitura das patologias da contemporaneidade segundo a hermenêutica da segunda teoria das pulsões de Freud.

Palavras-chave: Cultura, virtualidade, imagem, pulsão, sublimação, desfusão.

1. UM DIAGNÓSTICO PARA NOSSO TEMPO

A expressão “destinos pulsionais na contemporaneidade” pressupõe que os destinos das pulsões tenham uma natureza histórica, isto é, essencialmente aberta às mudanças do espaço social. Trata-se, portanto, de examinar os destinos pulsionais impostos pelas mudanças recentes em nossa sociedade, assim como seus efeitos na clínica psicanalítica. Para

¹ Uma versão anterior deste texto foi apresentada no Ciclo de Debates promovido pelo curso Psicanálise no Instituto Sedes Sapientiae em 10 de outubro de 2002. Agradeço à Janete Frochtengarten pela expressão “sombra da sublimação”, cuja precisão me parece nomear o cerne deste trabalho.

² Psicanalista, Professor do Departamento de Psicologia Social e do Trabalho do Instituto de Psicologia da USP, membro do Departamento de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae, Doutor pela Universidade Paris VII, autor do livro *Le fictionnel en psychanalyse. Une étude à partir de l'œuvre de Fernando Pessoa*. Villeneuve d'Asq : Presses Universitaires du Septentrion, 2000. Email : nesj@terra.com.br, Endereço para correspondência: Al. Iraé, 620, cj. 16. São Paulo, S.P. CEP: 04075-000. Telefone: (11)-50515311.

tanto, deveríamos, em princípio, ser capazes de conhecer as transformações sociais recentes. Mas, isto implica uma tarefa gigantesca, pois, “como entender o mundo contemporâneo sem explicar o capital financeiro, a sociedade de consumo, a mídia, a cultura de massas, o pós-modernismo?” (Cevalco, 2001, p.7).

Em outros termos, trata-se de entender aquilo que se convencionou chamar de *globalização*, o que significa, por um lado, localizar, na vida social, os efeitos concretos das novas tecnologias de informação e suas formas inéditas de controle e de deslocamento de capitais. E, por outro lado, mapear a articulação entre estas transformações do mundo econômico e a natureza ideológica do discurso que acompanha tais transformações, a saber o discurso neoliberal, em sua função de controle da opinião pública através da veiculação de imagens manipuladas da realidade. Em um campo onde é difícil encontrar unanimidade, são precisamente estes dois os elementos que infalivelmente retornam nos vários diagnósticos do nosso tempo: a primazia do econômico na determinação da vida cotidiana, e a primazia da imagem como veículo e instrumento desta determinação.

A percepção desta colusão entre a mercadoria e a imagem foi mais uma vez claramente declarada em 1967, por Guy Debord, em seu livro: *A sociedade do espetáculo*. Tal colusão naturalmente não era novidade após Marx, mas a grande surpresa deste livro foi de perceber que as relações entre mercadoria e imagem haviam tomado uma direção inédita na história do capital. Debord (1997) aponta para o fato da imagem ter se transformado na forma final da mercadoria. A imagem pura, sem qualquer

substrato material, não seria, em sua percepção, apenas mais uma mercadoria entre outras, mas sim a encarnação final da mercadoria. Isto equivale a conceber a essência da mercadoria como inteiramente alojada em seu valor de troca, descartando-lhe qualquer valor de uso. Abordarei, mais adiante, um efeito deste deslocamento na subjetividade . Vejamos antes uma das teses aforismáticas deste grande livro:

"A primeira fase da dominação da economia sobre a vida social acarretou, no modo de definir toda realização humana, uma evidente degradação do *ser* para o *ter*. A fase atual, em que a vida social está totalmente tomada pelos resultados acumulados da economia, leva a um deslizamento generalizado do *ter* para o *parecer*, do qual todo "ter" efetivo deve extrair seu prestígio imediato e sua função última" (p.18).

Neste diagnóstico da nossa sociedade, Debord denuncia uma monopolização terminal da vida cotidiana e das relações sociais pela imagem. Mas esta monopolização do registro imagético terá necessariamente um efeito fatal para o indivíduo. Se, o primeiro efeito do capitalismo na vida social é a obsoletização da questão do "ser" pela questão do "ter" – se, ao invés de se perguntar "quem sou, e quem desejo ser" o sujeito moderno se pergunta "o que tenho e o que desejo ter", - o segundo efeito do capitalismo será a obsoletização do "ter" pelo "parecer ter". O desamparo existencial, a carência ontológica batizada por Lacan (1964, p. 31) como "falta-a-ser", passa então a ser veiculado

primordialmente na linguagem imagética do “parecer ter”. Neste momento , o epicentro do desamparo existencial passa a ser tematizado na semântica das imagens, mas esta semântica se organiza segundo uma sintaxe mercantil. Note-se que não se trata, portanto, de uma mercadorização de desejos, mas de uma mercadorização de subjetividades através da imagem. O que era fálico na cultura até o século XIX era fruto de processos e determinações relativamente espontâneos. Hoje a mídia e a propaganda não apenas “capitalizam”, isto é, exploram com fins lucrativos, as antigas representações fálicas da cultura, mas também produzem novas representações que funcionam como causa do desejo. A marca, a etiqueta são, nesse sentido, um exemplo cotidiano da imagem como forma final da mercadoria³. Claro está que estamos diante de uma lógica de re-tradução da totalidade da experiência social e individual e na semântica da imagem: namoros, amizades, religiões, saúde, nascimento, vida e morte, eis os campos que sucessivamente sofrem tal re-tradução, instaurando novas leis de associação e de exclusão. Não se trata apenas de uma sutílização dos mecanismos de controle e manipulação do desejo, mas de uma transformação da própria subjetividade nos elementos da modalidade capitalista de produção. Ao tomar sua forma final como imagem, a mercadoria obteve um passaporte para o interior do sujeito, transformando este último na mercadoria em sua forma final, a saber, a imagem como puro valor de troca. Assim, ao pagar por uma certa etiqueta, o sujeito responde a contento ao seu desamparo ontológico: a questão do “ser” na

³ Apesar da concorrência por mercados através da “marca” ter sido uma consequência lógica da industrialização e da produção em massa, o que ocorreu desde a primeira metade do século XX, foi, no entanto, apenas em meados da década de 1980 que os teóricos da administração definiram a

subjetividade atual não é apenas adiada pela resposta “pareço ter”. Nesta resposta, o sujeito se re-significa enquanto “valor de troca”, e portanto, enquanto essência imagética da mercadoria.

Estas questões são interessantes, pode-se dizer, - sobretudo no que diz respeito à sociologia e à política - mas no que interessam à clínica psicanalítica? Supondo que o diagnóstico de Guy Debord esteja relativamente certo, e que a imagem ocupe de fato a cena principal da experiência social cotidiana, teremos como avançar no terreno especificamente psicanalítico a partir da idéia que tal deslocamento deve necessariamente interferir em nossa economia libidinal. Baudrillard (2001), analisando os *reality shows* e *Big-brothers*, descreve a completa eliminação dos jogos de velamento e desvelamento, eliminação que inviabiliza não apenas o desejo, mas que torna impossível sua própria lógica. Entretanto, podemos dizer que, no universo da imagem, isto já não é grave, pois a lógica do desejo já foi necessariamente substituída pela lógica da identificação. Com efeito, são precisamente as conseqüências pulsionais de tal substituição que constituem o principal tema deste trabalho. Antecipando minha hipótese, o monopólio da imagem como destino pulsional terá entre seus efeitos mais nefastos a desfação pulsional e suas conseqüências.

2 A VIRTUALIDADE DO COTIDIANO E SEU RECALCAMENTO ORGÂNICO

Mas, antes de desenvolver os argumentos desta hipótese, caberia descrever mais precisamente de que modo a imagética se transformou num foco fundamental de nossa experiência cotidiana e quais suas conseqüências na economia libidinal do ser humano. Tal processo deveria poder ser visto de alguma forma, por exemplo, através do espaço virtual. Mas, teria o universo das telas de vídeo alguma relação com o processo de imagetização do mundo? Baudrillard, quanto a isso, afirma a absoluta continuidade entre estas duas realidades: “Não é preciso entrar no duplo virtual da realidade, diz Baudrillard (2000), já estamos nele – o universo televisual é apenas um detalhe holográfico da realidade global” (p.12). Como se sabe, a imagem holográfica possui o todo em cada um dos seus detalhes. Assumindo tal continuidade, mas invertendo a direção do nosso olhar, seria então possível conhecer algo da realidade global justamente examinando seu “detalhe holográfico”, isto é, o mundo virtual. No filme *Matrix*⁴ por exemplo, o tema da imagetização total da experiência cotidiana é trabalhado de modo primoroso. O *corpo humano* -ou o que dele restou - acaba se tornando a última fonte de energia de um mundo dominado pela compulsão automática das máquinas. Esta metáfora da mercadorização da força de trabalho inclui a criação de um mundo virtual de modo a manter as pilhas corporais trabalhando adequadamente. Mas, seriam ainda *corpos* aqueles aglomerados de carne cujos espíritos vagueiam em um espaço virtual. Ora, o espaço virtual se define neste filme precisamente pelo seu

desencarnamento e pela sua distância do corpo. Com efeito, o mundo virtualizado pressupõe um sujeito desvinculado de um corpo, e, diante de sistemas informatizados interativos, cada sujeito silenciosamente despe-se de seu invólucro corporal e passa a existir apenas na medida exata de suas respostas *on-line*. Esta nova modalidade ontológica da subjetividade já foi definida como '*identidade terminal*', a qual é antes apenas mais um elemento do meio tecnológico do que propriamente originária e dependente de um corpo físico singular (Sotto, p. 80).

Retornando à hipótese da continuidade de Baudrillard, esta mesma distância entre o corpo e o espírito estaria presente tanto na espacialidade virtual quanto no mundo social atual, ambos seriam apenas detalhes holográficos da virtualidade do cotidiano. Na vida virtual cotidiana, o sujeito e seus objetos surgem significativamente privados de corporeidade física. As experiências fundamentais da existência humana: nascimento, vida e morte, são feitas sob a égide, senão sob o monopólio da imagem visual. Pode-se ver os bebês antes do nascimento, determinar-lhes o sexo, e até mesmo concebê-los sem qualquer contato físico. Pode-se dizer que, no atual momento tecnológico, há uma privação constitutiva de outros elementos sensoriais, tais como o tato e o olfato. Sobre o futuro, uma coisa é certa: quando os avanços técnicos permitirem a reintrodução de cheiros e toques no cotidiano virtual, estes já estarão devidamente privados de todos seus detalhes chocantes e realidades imprevisíveis, contribuindo para otimizar ao máximo o desempenho do consumidor⁵. Assim, tanto no futuro

⁴ Filme de Andy & Larry Wachowsky (1999).

⁵ Não é de hoje que a tecnologia do *marketing* leva extremamente a sério a produção de ambientes artificiais. Em 1956 a Good Year e a General Motors gastaram cerca de 12 milhões de dólares neste tipo de pesquisa. Cf. Mazoye (2000) e Frank (2001).

como no presente tecnológicos, a percepção olfativa, tátil e, em certa medida, a cinética corporal implicam em renúncias pulsionais bastante importantes. Nesse sentido, podemos dizer que o mundo virtualizado coloca em cena, isto é, concretiza na realidade, uma reedição da teoria freudiana do recalçamento orgânico.

Em uma nota de *O mal estar na civilização*, Freud (1930) examina o papel da passagem da marcha horizontal para o bipedismo no processo civilizatório:

“A atrofia da sensibilidade olfativa parece ser um efeito do distanciamento da terra pelo ser humano, da decisão pela marcha ereta. (...) A atração pela limpeza surge da ânsia de afastar os excrementos, os quais se tornaram desagradáveis à percepção. Como sabemos, os excrementos não geram asco nas crianças.(...) Sua desvalorização [pela educação] mal seria realizável, se as matérias provenientes do corpo não fossem condenadas, pelos seus fortes odores, ao mesmo destino dos estímulos olfativos após o posicionamento ereto do homem e sua distância do solo. O erotismo anal sofre portanto um ‘recalçamento orgânico’, que prepara o caminho para a cultura” (p.229-330)⁶.

Nesta passagem para a posição ereta, o deslocamento do centro de gravidade da vida pulsional para o registro visual é visto enquanto

⁶ Tradução do autor.

concomitante à supressão de outras formas de satisfação sexual, que seriam então diretamente *sublimadas* para a cultura. Esta hipótese é apresentada oficialmente nos *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*, onde, segundo Freud (1905), são precisamente as pulsões pré-genitais que devem sofrer a sublimação. Será nesse sentido que Freud dirá que “as forças utilizadas para o trabalho cultural se originam, em grande parte, da repressão dos elementos perversos da excitação sexual” (p. 141) .

Aparentemente tudo se encaixa bem na concepção freudiana das relações entre a cultura e a sexualidade, pois a primeira só retira da sexualidade aquilo que nela é supérfluo para a reprodução. Mas no texto *A moral sexual civilizada e a neurose moderna*, Freud (1908) chama a atenção para o papel eventualmente patogênico da sublimação, observando que uma certa dose de satisfação é indispensável à pulsão, e que todo exagero na renúncia pulsional é pago com a neurose. Podemos contudo dizer que, tudo bem pesado, neste primeiro momento do discurso freudiano, os problemas com a sublimação não vão além de seu uso imoderado pelo mundo civilizado. E, enquanto vigorar a primeira teoria das pulsões, a sublimação será essencialmente benéfica desde que seja realizada dentro dos limites impostos pela natureza humana. Entretanto, com a grande virada dos anos vinte, a sublimação tomará uma direção inesperadamente maléfica no discurso freudiano. Vejamos como isso se dá, para, em seguida, articular esta nova teoria da sublimação com o imperialismo da imagem na contemporaneidade.

3 O MUNDO IMAGETIZADO E SUA MORTÍFERA SUBLIMAÇÃO...

Sobre as modalidades de funcionamento metapsicológico da segunda teoria das pulsões, Freud foi relativamente discreto. Cabe, entretanto, pontuar alguns elementos que se mantiveram constantes em seu pensamento mesmo após o abandono do *princípio do prazer* como princípio fundamental do funcionamento psíquico. Um destes elementos constantes é, por exemplo, o pressuposto metodológico que a constituição normal e patológica possuem entre si uma relação de continuidade (Silva Jr., 1999 b). Nesse sentido, seria inútil buscar no texto freudiano a origem dos males seja na pulsão de morte, seja na pulsão de vida. Ambas são responsáveis tanto pelos fenômenos normais quanto patológicos do psiquismo. Será, não em cada uma destas pulsões, mas em suas relações entre si, que Freud buscará uma lógica do adoecer psíquico independente da lógica do recalque e do retorno do recalçado. E o essencial destas relações é abordado pelos conceitos de *fusão* e de *desfusão* pulsional. Assim, por exemplo, o que difere uma relação sexual normal de uma relação sexual sado-masoquista, seria, nesta nova lógica, não o excesso de pulsão de morte e a carência de pulsão de vida, mas a des fusão das finalidades das pulsões de vida e de morte. Ao invés de ambas trabalharem para um só fim, o orgasmo, cada uma delas trabalharia de modo independente da outra: a pulsão de morte, em seu retorno para o inorgânico, as pulsões de vida, em seu retorno para formas anteriores da organicidade.

Neste assunto fascinante, o que nos interessa, portanto, é saber o que pode causar a des fusão pulsional. Ora, na lógica interna do *Além do*

princípio do prazer (Freud, 1920), as experiências traumáticas constituem uma causa inegável daquilo que será posteriormente denominado como desfusão pulsional. Para além dos traumas oriundos da realidade exterior, pode-se ainda mencionar uma espécie de traumatismo constitutivo no modelo de subjetividade inerente à segunda teoria das pulsões. As exigências pulsionais teriam sobre o psiquismo um efeito traumático, oriundo da desproporção constitutiva entre as intensidades pulsionais e as possibilidades limitadas de elaboração psíquica. Nesse sentido, podemos entender que a ausência de nomenclatura, falhas na simbolização dos afetos e das sensações corporais, assim como a não instauração do recalque originário tenham igualmente um efeito desfusãoante⁷.

Mas, a partir de *O ego e o id* (Freud, 1923), o grande responsável pela desfusão pulsional, será precisamente a sublimação. Neste novo momento teórico, um termo importante na lógica da sublimação ressurgiu no discurso freudiano: a dessexualização das pulsões, isto é, seu desvinculamento dos objetos sexuais iniciais e a transformação da libido em uma energia neutra, processo este possível graças à intermediação do narcisismo. "A transformação da libido sexual em libido narcísica, diz Freud, comporta um abandono dos alvos sexuais, uma dessexualização, e, portanto, uma espécie de sublimação" (p.312). Em nota, Freud acrescenta que a libido canalizada para o ego, através das identificações, representa seu narcisismo secundário.

Até aqui, poderíamos dizer que não ocorreu nenhuma grande mudança na teoria da sublimação freudiana. Entretanto, o termo

⁷ Sobre a não-instauração do recalque originário, ver Sigal (2000).

dessexualização vem agora carregado com um sentido negativo, o de diminuição da potência das pulsões de vida para se fundirem à pulsão de morte. Segundo Freud (1923), "após a sublimação, o componente erótico não possui mais forças para ligar toda a destruição à qual está ligado e esta se libera sobre a forma de agressão e destrutividade" (p.321). A primeira conclusão importante sobre a nova abordagem da sublimação é fato desta implicar *sempre* uma dessexualização, e, portanto, uma des fusão pulsional. Ora, se a cultura só se constrói a partir da sublimação, então poderíamos conceber uma des fusão pulsional constitutiva do próprio processo de culturalização humana. Em outros termos, quanto mais a identificação substituir o investimento objetual, abrindo caminho para a sublimação, tanto mais destrutiva a pulsão de morte em uma cultura.

A partir disto, podemos conceber que a imagnetização do mundo cotidiano se relaciona com esta des fusão constitutiva da própria cultura segundo uma equação exponencial. A vida cotidiana, ao virtualizar os objetos de satisfação, desvia significativamente para o interior do sujeito o vetor da satisfação libidinal. A marca de um bem de consumo vende não mais um produto, mas uma identificação a um grupo idealizado, o que significa, na economia libidinal da subjetividade contemporânea, uma tendência culturalmente definida para a substituição do investimento objetual por uma identificação com o objeto. Assim a masturbação, as fantasias, as narrações imaginárias enfim, a intermediação imagética dos objetos de satisfação pulsional, por um lado, e a substituição dos investimentos de objeto por identificações, por outro lado, trazem consigo uma obsoletização das formas de satisfação da pulsionalidade agressiva e pré-genital. Tal

obsoletização não elimina estas necessidades pulsionais, simplesmente lhes retira a possibilidade de uma funcionalidade no âmbito social e na realidade cotidiana. Em outras palavras, a geografia atual das satisfações pulsionais propicia uma defusão inédita na história da cultura ocidental, o que me parece estar em relação com a geografia dos destinos pulsionais em nosso momento tecnológico⁸.

Neste sentido, me parece importante notar que o atual imperialismo da imagem, se certamente afeta o eixo narcisismo/ego/ideal de ego com repercussões importantes no psiquismo, interfere igualmente em nossa economia libidinal, desencadeando processos que Freud apreciava adjetivar como *demoníacos*. Em segundo lugar, trata-se de dar alguma visibilidade à centralidade da imagem precisamente na *produção* de tais *processos demoníacos*, desencadeados pela defusão pulsional e uma conseqüente passagem de uma lógica regida pelo princípio do prazer para uma lógica do além do princípio do prazer. Isto significa dizer que os fenômenos com os quais o analista passa a se defrontar em nossa época de imagetização do mundo experiencial ultrapassam, ou melhor, transbordam o modelo hermenêutico dos sintomas neuróticos, isto é, o modelo do compromisso entre forças conflitantes, e convidam novos conceitos para a sua descrição (Silva Jr, 1999 a).

⁸ O adjetivo “tecnológico” substitui aqui o adjetivo “histórico”, pois a ilusão vinculada à tecnologia se refere à possibilidade de dominar o tempo e, portanto, “superar” a historicidade.

Referências

- BAUDRILLARD, J. "Banalidade mortífera". *Folha de S. Paulo* (Caderno Mais!), 10/06/01, p. 12- 13.
- CEVASCO, M.E Prefácio a Fredric Jameson, *A cultura do dinheiro: ensaios sobre a globalização*. Petrópolis: Vozes, 2001.
- DEDORD, G. *A sociedade do espetáculo*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.
- FRANK, T. "Le bonheur est dans le centre commercial". *Le Monde Diplomatique*, Agosto de 2001.
- LACAN, J. (1964) *Le séminaire Livre XI. Les quatre concepts fondamentaux de la psychanalyse*. Paris : Éditions du Seuil, 1973.
- FREUD, S. (1905) "Drei Abhandlungen zur Sexualtheorie", *Studienausgabe*, Frankfurt-am-Main: Fischer Taschenbuch Verlag 1982, v.5.
- (1908) "Die >kulturelle< Sexualmoral und die moderne Nervosität", *Op. cit.*, v. 9.
- (1920) "Jenseits des Lustprinzips", *Op. cit.*, v. 3.
- (1923) "Das Ich und das Es". *Op. cit.*, v. 3.
- (1930) "Das Unbehagen in der Kultur". *Op. cit.*, v. 9.
- KLEIN, N. *Sem Logo. A tirania das marcas em um planeta vendido*. Record: Rio de Janeiro, 2002.
- MAZOYE, F. "Consommateurs sous influence". *Le Monde Diplomatique*, dezembro de 2000.
- SIGAL, A.M. "Francis Bacon e o pânico, uma falha no recalque primário". In FUKS, L.B. & FERRAZ, F.C. (orgs.) *A clínica conta histórias*. São Paulo: Escuta, 2000.

SILVA Jr., N. (a) “Um abismo fonte do olhar. A pré-perspectiva em Odilon Morais e a abertura da situação analítica”. *Percurso*, ano 12 (23): 16-26, 1999.

----- (b) “Metodologia Psicopatológica e ética em Psicanálise. O princípio da alteridade hermética.” *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, v. 3 (2): 1999.

SOTTO, R. “The virtualization of the organizational subject”, in CHIA, R. (Ed.) *Organized Worlds. Explorations in Technology and Organization with Robert Cooper* . Londres: Routledge, 1998.